

Mortes maternas associadas à COVID-19 no cenário brasileiro



Glilciane Morcelli

Enfermeira. Pós-doutorado em Enfermagem Obstétrica pelo Programa de Pós-Graduação em Tocoginecologia (2015)-UNESP/Botucatu. Docente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG/Unidade Passos, MG, Brasil.

No final de 2019, identificou-se um novo coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), agente etiológico da COVID-19, que causa uma doença predominantemente respiratória, de alta transmissibilidade que em pouco tempo, atingiu todos os continentes e em fevereiro de 2020 o Brasil teve o primeiro caso diagnosticado.

Nos meses iniciais da pandemia e na tentativa de diminuir as graves consequências da doença, foram sendo detectados grupos considerados de risco, porém neste primeiro momento o ciclo gravídico puerperal não estava relacionado a complicações e mortalidade.

Em abril de 2020, o Ministério da Saú-

de (MS), passou a considerar as gestantes, puérperas e mulheres que tiveram perda gestacional ou fetal até 15 dias como grupo de risco para COVID-19, mas os primeiros dados só foram divulgados pelo MS no final do mês de maio e contabilizaram 36 óbitos e outros 252 casos de síndrome respiratória aguda grave (SRAG).

Após a divulgação dos primeiros casos, o Brasil, despontou negativamente, como o país com os maiores índices de mortes maternas associadas à COVID-19. Em julho houve a publicação de um estudo realizado entre janeiro a 18 de junho de 2020 que identificou a ocorrência de 124 óbitos maternos, ainda reportou que esses achados eram 3,5 vezes maiores que a soma do número de mortes maternas por

COVID-19 ocorridos em outros países no mesmo período.

O país encerrou o ano de 2020 com 544 óbitos de gestantes e puérperas relacionadas à COVID-19, com média semanal de 12,1 mortes e em 2021, conforme os dados do Observatório Obstétrico Brasileiro Covid-19, as perdas maternas já são superiores aos casos notificados em 2020, decorridas 20 semanas epidemiológicas em 26 de maio de 2021, o Brasil tinha 911 óbitos, com média semanal de 47,9 mortes, ou seja, um aumento preocupante no número de mortes das gestantes.

O número alarmante das mortes maternas no Brasil pode ter ocorrido pela dificuldade de acesso ao pré-natal de qualidade associada ao atraso da inclusão desse grupo no Plano Nacional de Imunização. ■

REFERÊNCIAS

1. WHO (World Organization Health). WHO DirectorGeneral's opening remarks at the media briefing on COVID-19; 2020: Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19-11-march-2020>.
2. Souza ASR, Amorim MMR. Maternal mortality by COVID-19 in Brazil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2021 Feb;21(suppl 1):253-6.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Especial COE-COVID-19. Secretaria de Vigilância em Saúde. [acesso 04 ago 2021]. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/29/2020-05-25---BEE17---Boletim-do-COE.pdf> » <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/29/2020-05-25---BEE17---Boletim-do-COE.pdf>.
4. Takemoto MLS, Menezes MD, Andreucci CB, Nakamura-Pereira M, Amorim MMR, Katz L, Knobel R. The tragedy of COVID-19 in Brazil. *International Journal of Gynecology Obstetrics*, July, 2020.
5. Observatório Covid-19 destaca alta mortalidade materna [Internet]. Fiocruz. [cited 2021 Aug 4]. Available from: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-destaca-alta-mortalidade-materna>